



Como ler os apócrifos do Segundo Testamento?

Como ler os apócrifos? Essa é uma boa pergunta. Como lê-los, se a Igreja sempre ensinou que esses textos não deveriam ser lidos?

Quando os apócrifos foram catalogados como proibidos e enviados para a fogueira, monges e lideranças cristãs, por exemplo, do Alto Egito, contrariando tal decisão, conservaram muitos deles em potes que foram enterrados e descobertos recentemente.

Para uma melhor compreensão dos apócrifos do Segundo Testamento (ST), de modo a superar os entraves históricos do rótulo: “Os apócrifos são todos fantasias e falsas teologias”, urge primeiramente classificá-los em três categorias, a saber: aberrantes, complementares e alternativos. Por aberrantes entendem-se aqueles que falsearam ou exageram na descrição dos fatos, por exemplo, da infância de Jesus. Os complementares são aqueles que apresentam dados que complementam os textos

canônicos. Nesse grupo estão, por exemplo, os Evangelhos sobre Maria, a mãe de Jesus. Os alternativos são os que trazem novidades, seja no conteúdo, seja na expressão de um pensamento rejeitado e condenado ao esquecimento pelo pensamento hegemônico da época. O Evangelho de Maria Madalena é o melhor exemplo para um texto alternativo apócrifo. Não considerar essa divisão é colocar os apócrifos em uma única categoria, a de textos falsos, mentirosos e não inspirados.

Ler os apócrifos é também considerar as disputas teológicas que marcam o contexto histórico de cada um deles. Tais disputas teológicas aconteceram entre o cristianismo que se tornou hegemônico com grupos e movimentos, como os gnósticos e suas ramificações em gnósticos docetas, encratistas, fibionitas, cainitas, mas também ebionitas, marcionitas, donatistas, arianos e tantos outros, cujos nomes nem foram registrados nos anais da história. Todos defenderam seus pensamentos sobre a divindade de Jesus, salvação, sofrimento, ressurreição, martírio, virgindade, trindade, conhecimento que salva etc. Muitos desses grupos foram liderados por importantes cristãos, como Ário (256-336), Nestório (386-451), Marciano (85-160), Pelágio (360-435), Valentino (?-269), Donato (?-362) etc.

Ler os apócrifos exige um acurado estudo histórico da época de cada um deles. O contexto histórico é muito importante para compreender o porquê da expressão de fé transformada em livros apócrifos. Os apócrifos marianos, por exemplo, surgiram em um contexto de retomada da devoção a Maria, virgem e mãe.

A história do cristianismo nos revela um contexto de negação e afirmação de verdades de fé sobre Jesus. Cada grupo, procurando manter fidelidade aos ensinamentos de Jesus, defendeu seu ponto de vista. No Evangelho de Maria Madalena (17,9-19), vale citar a passagem após Madalena (3-63) dar seu testemunho sobre os ensinamentos de Jesus: “André, então, tomou a palavra e dirigiu-se a seus irmãos: ‘O que pensais vós do que ela acaba de contar?’ De minha parte, eu não acredito que o Mestre tenha falado assim; estes pensamentos diferem daqueles que nós conhecemos. Pedro juntou: ‘Será possível que o Mestre tenha conversado assim, com uma mulher, sobre segredos que nós mesmos ignoramos? Devemos mudar

nossos hábitos; escutarmos todos esta mulher?’”¹ Tal exemplo mostra um testemunho do século 2º sobre o papel da mulher no cristianismo em relação aos homens.

Além de identificar as várias formas do cristianismo, não podemos deixar de considerar, na leitura dos apócrifos, a forma e o modelo de Igreja que cada um deles representa ou defende. A cristandade surgiu em meio a várias formas de cristianismo e em uma disputa de valores e de ideias; algumas delas se solidificaram como verdades de fé e outras foram condenadas ao ostracismo, por serem consideradas heréticas. Por isso, ler os apócrifos é também considerar as questões políticas eclesiais que lhes são peculiares. Havia disputa de poder no início da doutrina cristã. Somente um tipo de cristianismo se tornou hegemônico, vencedor das disputas teológicas sobre Jesus.

Outro fator preponderante na leitura dos apócrifos é a questão de gênero. As mulheres tiveram sua liderança ceifada, no fim do século 2º, em favor da liderança masculina. Esse fator nos impõe uma leitura de gênero dos apócrifos, de modo que possamos resgatar o papel de Madalena como apóstola do cristianismo, nunca como prostituta. Também Maria, a mãe de Jesus, é descrita nos apócrifos como mãe virgem e apóstola de seu Filho. As duas mulheres foram apresentadas, historicamente, como modelos de cristãos: Madalena, a prostituta toda impura que se converteu, e Maria, a santa toda pura. Um modelo dependeu do outro para sobreviver. A leitura dos apócrifos deve também nos remeter aos vários gêneros literários, a partir dos quais eles foram escritos. Cada gênero possui seu contexto vital. Cada um deles apresenta o próprio modo de ensinar e transmitir uma visão de fé. Não podemos ignorá-los na leitura dos referidos textos.

A leitura pastoral dos apócrifos é algo novo que nos desafia no estudo deles. A tradição popular perpetuou, na memória oral e escrita, os

ensinamentos de fé dos apócrifos. O imaginário popular quis que tal fé não se perdesse, mesmo que não tivesse sido considerada a oficial. O povo iletrado, de modo especial, conservou essa fé “inspirada” por outros caminhos, construindo um saber histórico perpassado de geração em geração, na oralidade e na vivência de fé de seus valores. As tradições orais e escritas, sejam apócrifas, sejam canônicas, estão permeadas de interações recíprocas. Não se

podem negar essas constatações e devemos nos perguntar sempre: em que os apócrifos podem nos ajudar na fé crítica, alicerçada nas bases de uma teologia que liberta? Como nos libertar de visões apócrifas não libertadoras presentes em nosso meio? Como dialogar com esses textos de origem sem o medo de nos deixar contaminar por eles? Como eliminar o risco de querer defendê-los como textos inspirados? O estudo dos apócrifos não pode ter como objetivo lutar por sua canonização, afirmação de sua inspiração; estes são textos de experiência de fé, por mais exageradas que sejam, mas que revelam

outro pensamento, outro cristianismo que se perdeu. É o que nos mostra o estudo dos apócrifos em seu contexto histórico. Outro fator importante na compreensão dos apócrifos é compreendê-los a partir da classificação aberrantes, complementares e alternativos. É o que veremos no próximo artigo.

NOTA

¹ Cf. o comentário ao Evangelho de Maria Madalena em nosso livro: *As origens apócrifas do cristianismo*: comentário aos evangelhos de Maria Madalena e Tomé. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

Frei Jacir de Freitas Faria, OFM

Escritor e mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma
www.bibliapocrifos.com.br



Arquivo pessoal

Maria Madalena em meditação [s.d.], irmãos Le Nain